

## **Prefácio**

O Ministério do Esporte, ao completar mais de uma década de sua criação (2003), sempre foi movido pela missão de fomentar e difundir a democratização do acesso ao esporte e ao lazer como direitos sociais, na construção do exercício da cidadania, da inclusão e da qualidade de vida da população brasileira.

Para isso, vem desenvolvendo um conjunto de iniciativas de Políticas Públicas voltadas para Esporte e Lazer com base na perspectiva de atender às necessidades e demandas esportivas e culturais do povo brasileiro. Tais iniciativas fundamentam-se em aspectos estruturantes ligados a qualificação da gestão e democratização do acesso o que pressupõe investimentos em formação de quadros, monitoramento e avaliação, documentação, desenvolvimento científico, tecnológico e inovação.

Nesse sentido, a presente obra nos possibilita identificar e analisar o papel da Rede CEDES – Programa executado pela Secretaria Nacional de Educação, Esporte, Lazer e Inclusão Social do Ministério do Esporte (SNELIS/ME) em parceria com um conjunto de Instituições de Ensino Superior - e os impactos desta ação no processo de consolidação do Esporte e do Lazer como política de Estado.

Nós que respondemos pela gestão na esfera federal, nos sentimos honrados em fazer parte dessa história construída a várias mãos por homens e mulheres que acreditam e dedicam parte de sua vida na ampliação da garantia de direitos e na formulação, implementação e avaliação de Políticas Públca de qualidade.

Nesse sentido, está sendo lançada a presente obra em um momento histórico especial para o Brasil com a realização de importantes megaeventos esportivos internacionais no País, que tem gerado a ampliação significativa da infraestrutura esportiva, o crescimento dos recursos investidos no esporte e a atualização da legislação, com destaque para a ação estruturante da Lei de Diretrizes e Bases do novo SISTEMA NACIONAL DO ESPORTE, em fase de elaboração para envio ao Congresso ainda esse ano. Legislação

comprometida com a garantia do direito ao esporte e ao lazer para toda população brasileira.

Abertos e atentos aos dados e análises apontadas na obra que apresentamos, temos a clareza de que tudo que foi vivido até aqui, erros, acertos, avanços e mesmo as dificuldades nos ajudarão a compreender aspectos importantes de trajetórias das nossas Políticas Públicas de Esporte e Lazer, bem como continuar a construir histórias de conquistas relacionadas à produção e socialização de conhecimentos pela Rede CEDES.

Por isso, nós convidamos você leitor a deleitar nessa viagem histórica com olhar no futuro imbuído do sonho da transformação das Políticas Públicas de Esporte e Lazer em Políticas de Estado, que desafia a consolidação de uma política sólida de gestão do conhecimento e a universalização do acesso com qualidade.

Convidamos, especialmente, vocês pesquisadores, gestores, estudantes e trabalhadores do esporte e do lazer a conhecer a história da Rede CEDES e a participar dos seus próximos passos, que poderão se articular a partir do mergulho que os autores dessa obra nos oportunizam.

Agradeço o convite da Professora Dr<sup>a</sup> Gisele Schwartz para participar desse livro e já o aponto como leitura indispensável aos 27 Centros de Desenvolvimento de Pesquisa da Rede CEDES, que serão implantados a partir desse ano em todos os estados e no Distrito Federal. Com certeza, inauguraremos aqui um momento que poderá representar um divisor de águas na história de nossa REDE.

Como Diretora do Departamento de Políticas Intersetoriais da SNELIS, que responde pelos programas sociais e a Rede CEDES, tive a grata satisfação de participar dessa história desde antes da criação do Ministério do Esporte, sendo testemunha viva de cada fase relatada nesta obra.

Boa leitura a todos!

**Andréa Nascimento Ewerthon**

Diretora do departamento de desenvolvimento e acompanhamento de políticas e programas intersetoriais de esporte, educação, lazer e inclusão social

As breves considerações que se seguem revisitam oito anos em atividades de pesquisa e participação nos trabalhos da Rede CEDES. A partir de 2007, juntamente com Ludmila Mourão, participei de pesquisa sobre o Programa Esporte e Lazer na Cidade, com suporte do Ministério do Esporte e da FAPERJ. Do estudo, resultou relatório técnico e cartilha para coordenadores e estagiários nos programas de Esporte e Lazer.

Nos encontros da Rede, convivi com novos pesquisadores, de novos programas, coordenados por grupos em formação e grupos consolidados, em projetos de pesquisa pioneiros, que convergiam as ações para os segmentos menos atendidos pelas políticas esportivas de caráter nacional ou local.

A primeira consideração é para o desenvolvimento local e nacional de programas e projetos centrados em interesses, perspectivas, dificuldades e impedimentos, de grupos que não usufruem dos direitos ao lazer e ao esporte participação. A Rede CEDES mudou o cenário nacional, com ofertas de oportunidades de lazer e esporte para todas as idades, no país e em cada localidade. Portanto, verifica-se um avanço exponencial, na cidadania dos participantes, que passou de outorgada para conquistada. De crítica para reclamada. Os segmentos menos favorecidos ganharam vez e voz.

A segunda é para o amadurecimento da pesquisa nos grupos componentes da Rede. Os encontros regionais e nacionais permitiram a troca de experiências e dificuldades, reorientaram a elaboração de metodologias e teorias sobre o que fazer humano. Sobretudo, favoreceram o surgimento e o crescimento de novas propostas de ação científica, pedagógica e política pública, para um público que aprendeu a cobrar e a controlar o cumprimento de promessas.

A terceira é para o papel desempenhado pelas pessoas que geriram o setor de Esporte e Lazer no Ministério. Essas pessoas, gestores da Rede CEDES, mudaram o ambiente de trabalho, os objetivos e as metas, as perspectivas e fronteiras do campo do esporte não competitivo e do lazer consciente.

Também quero considerar o impacto da experiência na rede, em mim mesmo, nos planos social e científico. Não vejo clara a espessura do tempo a decorrer, desde a experiência do trabalho conjunto, pesquisador e pessoas da comunidade, para a mudança social. Mas estimo que alguma coisa muda, no próprio momento da interação. Ilustro o ponto, com breve relato. Eu e meu grupo estávamos fazendo pesquisa na Vila Aliança, comunidade do bairro de Bangu, na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Veio falar comigo

uma senhora, que pediu um “particular”. As pessoas do entorno se afastaram e ela falou: - o que o senhor pode fazer, para me ajudar? Minha filha, que está fazendo musculação ali dentro, só anda com garotas, minha família não sabe o que fazer, chegamos a orar por ela na igreja. Eu pedi uma semana para pensar. Falei com colegas de pesquisa, com educadores, e na semana seguinte, lá estava ela me esperando. Disse que aproveitou a semana para consultar pessoas da comunidade, da igreja, familiares, e estava começando a admitir que eu não teria resposta pronta para ela.

Também não vejo como medir o tempo necessário para que se processe, no próprio pesquisador, alguma mudança substancial. Entretanto, tenho que admitir que as mudanças também começam no momento da interação. Eu fazia pesquisa num grupo que se reunia no salão de festas da comunidade Dona Casturina, no Horto, na Zona Sul do Rio. Eu era o único homem que participava das atividades de alongamento, e as mulheres me pediam que convencesse seus filhos e maridos, que jogavam sinuca e bebiam cerveja noutra dependência da associação de moradores. Atendi o pedido e fui me aproximando dos homens. Comecei a jogar sinuca e mesmo a tomar cerveja com eles. Veio então o convite: - amanhã, vamos participar do alongamento? Olha, professor, para o senhor, que tá velho, deve ser bom, mas para nós, não. Nós descemos o morro correndo, chegamos na Lagoa, damos uma volta correndo, voltamos correndo, para que vamos nos alongar? O fato é que eu morava na área, sabia que não era fácil descer a pé, até a lagoa, caminhando, quanto mais, correndo. A volta à lagoa, eu também conhecia bem, oito quilômetros, caminhando, pedalando, correndo. A subida de volta, nem se fala. Que podia eu fazer com aquele depoimento?

Por fim, considero que cada pessoa que se envolveu e continua em interação com a Rede CEDES deve ter experiências sobre impacto social e científico, do tipo que aqui relatei, e que gostariam de socializar. Neste sentido, justifica-se plenamente o projeto cujos resultados compõem esta obra. Nela se pode constatar o quanto é relevante levantar relatos, percepções, representações e avaliações dos diferentes segmentos da Rede. Os impactos científicos, esses são imediatos. A análise da obra altera perspectivas, muda opiniões, abre novas sendas de pesquisa. Os impactos sociais dependem, em parte apreciável, da gestão do conhecimento acumulado.

**Sebastião Josué Votre**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ